

Nação e território: como François Hollande se tornou o 24º presidente da República Francesa?¹

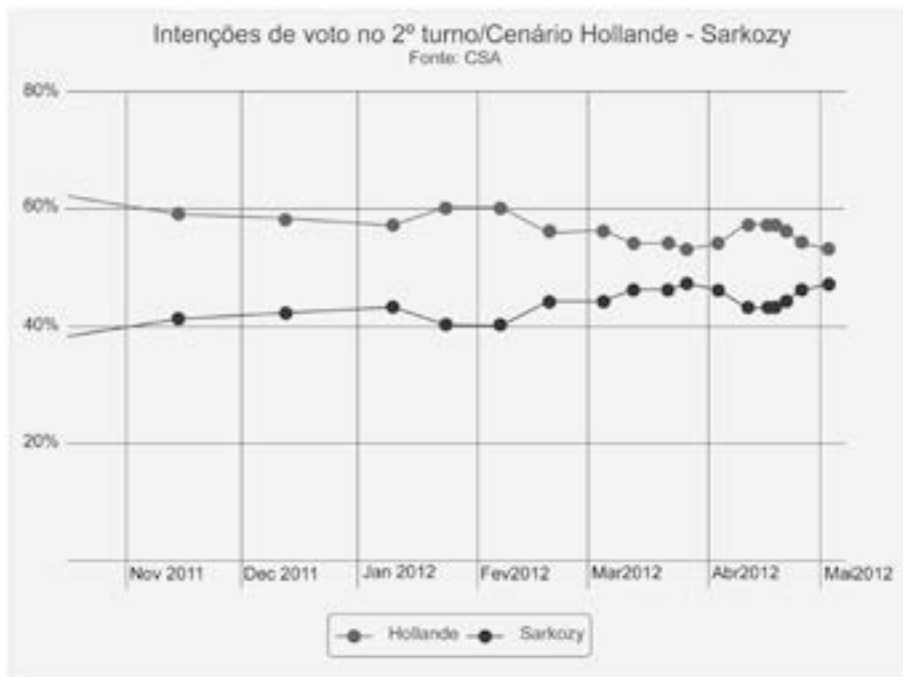
Philippe Waniez

No dia 6 de maio de 2012, às 20 horas, todas as estações de televisão francesas anunciavam a eleição de François Hollande para a Presidência da República. Este resultado, fruto de estimativas baseadas nas apurações das seções eleitorais que encerraram suas atividades às 18 horas, duas horas antes das seções das grandes cidades – que fecham às 20 horas –, já era conhecido desde às 18:30 horas por jornalistas e políticos. As mídias francófonas da Bélgica e da Suíça não estavam obrigadas a obedecer à lei eleitoral francesa, que proibia a divulgação dos resultados antes das 20 horas. Assim, os internautas, tanto de esquerda quanto de direita, podiam comemorar o fim anunciado da *Sarkoland*, como os franceses cansados do governo de Nicolas Sarkozy chamavam a França, nos últimos anos.

Sem dúvida, esta situação já era esperada há vários meses, como indicava a maioria das pesquisas de opinião, tais como as do Instituto CSA (Fig. 1). Apesar de as curvas mostrarem uma tendência à convergência ao se aproximarem as eleições, o que é natural, na medida em que os indecisos acabam optando por um ou outro candidato, a impopularidade de Sarkozy levava a maioria dos eleitores a adotar o *slogan* da campanha de Hollande: *a mudança é agora*. Mudança de política, só o futuro dirá, mas, sobretudo, uma punição a um presidente frequentemente chamado de *presidente dos ricos*, devido à sua política fiscal favorável aos mais abastados e que não soube ou não pode controlar os rumos das finanças públicas: do 3º trimestre de 2007 (depois de sua eleição) ao 4º trimestre de 2011, a dívida pública francesa passou de 65,5% para 85,8% do PIB.

Figura 1

Pesquisas de opinião realizadas pelo Instituto CSA de novembro de 2011 a maio de 2012, no caso de um enfrentamento Hollande / Sarkozy no 2º turno



Fonte: <http://www.20minutes.fr/presidentielle/sondage>

No entanto, na noite do 1º turno, apenas 519 000 votos separavam os dois primeiros candidatos: 28,6% dos votos válidos para François Hollande do Partido Socialista (PS) e 27,2% para Nicolas Sarkozy da União para um Movimento Popular (UMP). A disputa se mostrava assim mais acirrada do que as pesquisas tinham previsto. Mas, sem dúvida, em função de uma transferência insuficiente de votos do centro e, sobretudo, da extrema direita para Sarkozy, foi com quase 1 140 000 votos que Hollande (51,6%) se distanciava de Sarkozy (48,4%) no 2º turno, ou seja 3,3 pontos percentuais de votos válidos (Tab. 1).

Assim, por volta das 21:30 horas, Sarkozy reconhecia a sua derrota num discurso pela televisão, enquanto, Hollande, um pouco mais tarde, se dizia pronto a assumir sua nova função, num contexto econômico, nacional e europeu, muito difícil. Apesar de as instituições da Quinta República terem sido atacadas em sua reputação, da violência dos discursos da campanha eleitoral e do apoio a Sarkozy de diversos chefes de Estado europeus de direita (a começar por Angela Merkel, chanceler da República Federal da Alemanha), a democracia francesa tinha funcionado, ao permitir uma alternância de poder, sem maiores dificuldades.

Tabela 1

Resultados finais da eleição presidencial francesa de 2012

Eleição presidencial de 2012		
1º Turno - 22 de abril de 2012		
1. Comparecimento	36 584 399	79,48%
2. Votos em branco e nulos	701 190	1,92%
3. François Hollande	10 272 705	28,63%
4. Nicolas Sarkozy	9 753 629	27,18%
5. Marine Le Pen	6 421 426	17,90%
6. Jean-Luc Mélenchon	3 984 822	11,10%
7. François Bayrou	3 275 122	9,13%
8. Eva Joly	828 345	2,31%
9. Nicolas Dupont-Aignan	643 907	1,79%
10. Philippe Poutou	411 160	1,15%
11. Nathalie Arthaud	202 548	0,56%
12. Jacques Cheminade	89 545	0,25%
2º turno - 6 de maio de 2012		
13. Comparecimento	37 016 309	80,35%
14. Votos em branco e nulos	2 154 956	5,82%
15. François Hollande	18 000 668	51,64%
16. Nicolas Sarkozy	16 860 685	48,36%

Logo após a divulgação do resultado do segundo turno, os analistas políticos já discorriam sobre as próximas eleições para deputados da Assembleia Nacional que iriam acontecer nos dias 10 e 17 junho de 2012. Assim é a vida política: uma nova eleição vai dar lugar à recém concluída, provocando uma série de debates, mais ou menos importantes para o futuro. Devido ao caráter nacional da eleição presidencial, poderia se pensar que as diferenças locais e regionais desempenhassem um papel secundário. Da mesma maneira, as eleições legislativas ocorrendo em unidades territoriais bem delimitadas, o peso do local e do regional seria, neste caso, predominante.

Na verdade, o jogo político é mais complicado do que parece. Sendo o objetivo das eleições legislativas o de dotar o governo de uma maioria na Assembleia Nacional, para implementar a política defendida pelo presidente da República recém eleito, o seu resultado final, ou seja, a composição da Assembleia Nacional, é naturalmente influenciada pelo resultado da eleição presidencial. O eleitorado francês tem, quase sempre, se mostrado legitimador ao eleger para a Assembleia Nacional parlamentares da mesma tendência política do presidente, novamente referendado.

Assim, as eleições legislativas de junho de 2012 confirmaram esta sabedoria política: 302 dos 577 assentos no parlamento (52,3%) serão ocupados durante cinco anos por deputados do PS e por seus aliados de *esquerdas diversas*. E mesmo que desta vez não se tenha falado de *onda rosa* (como em 1981, depois da eleição de François Mitterrand), a tendência à esquerda do parlamento francês é extremamente forte, com a conquista da maioria absoluta na Assembleia Nacional e também no Senado, por ocasião da vitória nas eleições de setembro de 2011. De maneira legítima, os franceses poderiam esperar o desenvolvimento de uma política com maior preocupação social, mais de acordo com as suas necessidades, mais bem equilibrada entre os interesses dos pobres e dos ricos. Mas, na atual crise que atravessa a Europa, esperar presentes de Papai Noel não passa de um sonho infantil...

Para explicar uma mudança política de tal amplitude, os argumentos do tipo *macro* – macro-econômicos, macro-sociais, macro-políticos – surgem claros e evidentes, como se a mecânica celeste tivesse controlado o rumo dos acontecimentos num movimento magistral que conduziu aos resultados observados hoje em dia: Hollande presidente com, praticamente, plenos poderes, menos o de mudar a Constituição sem recorrer ao apoio de uma parte da direita parlamentar. Vista assim, a eleição do presidente da República seria o resultado de um alinhamento dos astros do zodíaco político, de um encadeamento de circunstâncias favoráveis que certos oráculos teriam previsto.

No entanto, a história da geografia das eleições na França ensina exatamente o contrário. Desde o século XIX, os resultados eleitorais são impregnados de um forte determinismo. Do lado dos eleitores, nota-se o peso das convicções religiosas, do *status* social e do grau de conservadorismo na escolha do candidato. Do lado dos postulantes, sua própria personalidade, os apoios de que dispõem localmente, sua inserção nas redes econômicas e de poder, tanto nas suas circunscrições eleitorais, quanto em Paris, são frequentemente evocadas para explicar os seus sucessos. Finalmente, a geografia existe: no começo do século XX, as estruturas agrárias, isto é, as dimensões das propriedades agrícolas associadas ao tipo de renda fundiária e à posse da terra, desempenhavam um papel importante nas eleições, como já demonstrou André Siegfried a respeito da França do Oeste (Siegfried, 1913).

Desde essa época, os fatores condicionantes do comportamento eleitoral mudaram: o número de agricultores diminuiu consideravelmente, em consequência do crescimento da indústria e dos serviços, e a urbanização avançou com a formação ou a expansão de um significativo número de aglomerações urbanas. Paralelamente, surgiram algumas áreas que se constituem em quase desertos humanos, em função do êxodo rural que desencadeia um processo de seleção dos migrantes atraídos pelas oportunidades que as grandes cidades oferecem, deixando nesses lugares populações envelhecidas que aos poucos tendem a desaparecer.

Além disso, as crises econômicas que se sucedem num ritmo cada vez mais rápido, desde o primeiro choque do petróleo, em 1973, até os dias atuais, combinadas aos efeitos negativos da mundialização da economia, eliminaram muitas atividades industriais, mergulhando no caos regiões inteiras, como a Lorraine chamada antigamente de *coração do aço*, que perdeu o essencial de sua produção siderúrgica. O fechamento do último alto-forno tem sido a causa de um conflito social de tal amplitude que desafia o novo governo.

Apesar dessas mudanças de caráter global, o peso do local continua presente e os candidatos à eleição presidencial não o ignoram: bem antes que se inicie a campanha eleitoral oficial os concorrentes já terão percorrido o país, seja para apoiar o desenvolvimento local, visitando uma fábrica de queijo ou uma usina *high-tech*, seja para ter um encontro com políticos locais do mesmo partido, ou ainda para destacar seu interesse pelas pessoas mais velhas, visitando uma casa para aposentados agradável e bem cuidada. Todos esses pequenos acontecimentos são amplamente divulgados pelas mídias nacionais e, sobretudo, pelas cadeias de televisão que contribuem para a formação da opinião pública.

Assim, a eleição de um presidente da República resulta de uma combinação entre o nacional e o local, o indivíduo e a sociedade, a ideologia dominante e os vetores de inovação. É uma prática habitual na França a realização de mapas dos resultados eleitorais. Frequentemente esses mapas são realizados com base numa malha pouco detalhada, como a dos 95 departamentos da França metropolitana (Fig. 2), incapaz de traduzir bem a grande diversidade espacial da escolha dos eleitores. Além disso, o domínio dos métodos cartográficos ou estatísticos é, muitas vezes, insuficiente para a construção de uma representação cartográfica eficaz.

Na verdade, é preciso mostrar que, além do resultado final, a diversidade do comportamento eleitoral apresenta, geralmente, diferenças territoriais consideráveis. Nesse sentido, as pesquisas realizadas há cerca de 12 anos no departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, sobre as eleições presidenciais brasileiras, levaram a uma conclusão semelhante, num contexto sociopolítico muito diferente do da França. Assim, este artigo aplica à eleição presidencial francesa de 2012, os métodos de análise desenvolvidos por uma equipe de pesquisadores franceses e brasileiros que vem se dedicando aos estudos da geografia eleitoral do Brasil. Cabe lembrar que os mapas deste trabalho foram realizados com Philcarto, *software* que funciona tão bem em francês como em português e que é ensinado em muitas universidades brasileiras (<http://philcarto.free.fr>).

As primárias cidadãos ou a eleição antes da eleição

Na França, para alguém se tornar candidato numa eleição presidencial é preciso ter recebido o apoio por escrito de pelo menos 500 políticos eleitos para diversos

cargos, principalmente prefeitos, distribuídos por 2/3 do território. Os candidatos que pertencem aos principais partidos obtêm facilmente esses apoios, o que não acontece com os que pertencem às pequenas agremiações. Se um partido político deseja apresentar um candidato, ele deve adotar o procedimento de indicação desse candidato. A investidura se faz geralmente por uma das instâncias partidárias (direção política, congresso, etc.). Em 1995 e em 2006, o Partido Socialista adotou um procedimento mais democrático, ao permitir a escolha de seu candidato por meio de eleições primárias, sendo essas reservadas aos militantes socialistas devidamente inscritos no partido: foram 79 mil votos válidos em 1995 e 179 mil em 2006. Para a primária de 2011, que escolheria o candidato do PS à eleição presidencial de 2012, o partido aprovou que a sua designação fosse aberta a todos os simpatizantes de esquerda. Assim, não é mais em dezenas de milhares que se deve contar os votos válidos nas primárias do PS, mas em centenas de milhares, isto é, 2 650 206 votos válidos para os seis candidatos do 1º turno e 2 841 167 para os candidatos do 2º turno (Tab. 2).

Tabela 2

Resultados das primárias socialistas de 2011

PS = Partido Socialista, PRG = Partido Radical de Esquerda

<i>Nome</i>	<i>Partido</i>	Primeiro turno	
		<i>Votos</i>	<i>%</i>
François Hollande	PS	1 038 188	39,17 %
Martine Aubry	PS	806 168	30,42 %
Arnaud Montebourg	PS	455 601	17,19 %
Ségolène Royal	PS	184 091	6,95 %
Manuel Valls	PS	149 103	5,63 %
Jean-Michel Baylet	PRG	17 055	0,64 %

<i>Nome</i>	<i>Partido</i>	Segundo turno	
		<i>Votos</i>	<i>%</i>
François Hollande	PS	1 607 268	56,57 %
Martine Aubry	PS	1 233 899	43,43 %

Fonte: Wikipedia

Nestas primárias, que são organizadas pelas federações departamentais do PS, dispõe-se de uma estatística dos resultados por departamento. A cartografia desses dados mostra a importância do enraizamento regional de cada um dos candidatos. Martine Aubry (Fig. 3), prefeita e presidente da Comunidade Urbana de Lille, obtém seus melhores resultados na Região Nord-Pas-de-Calais e, de modo geral, numa porção significativa do norte do país. Jean-Michel Baylet (Fig. 4), senador do Tarn-et-

Garonne e presidente e diretor geral do grupo de imprensa regional *La Dépêche*, reina sobre o conjunto da Região Midi-Pyrénées. François Hollande (Fig. 5), presidente do Conselho Geral do Departamento de Corrèze, obtém aí 86% dos votos válidos e mais de 55% nos outros departamentos da Região de Limousin. Arnaud Montebourg (Fig. 6), deputado do Departamento da Saône-et-Loire, reúne nessa região mais da metade dos votos válidos e sua influência se estende numa ampla área do sudoeste da França, com votações que, frequentemente, ultrapassam 20%. Ségolène Royal (Fig. 7), candidata do PS à Presidência da República em 2007 e presidente do Conselho Regional de Poitou-Charentes, obtém as melhores porcentagens em sua região, não conseguindo, no entanto, atingir 20% em nenhuma área. Manuel Valls (Fig. 8), deputado do Departamento de Essonne, consegue bons resultados na sua região e também no sul, onde rivaliza com Ségolène Royal.

O resultado do segundo turno das primárias mostra que François Hollande dispõe de uma confortável vantagem sobre Martine Aubry de 13 pontos percentuais. Hollande será, então, o representante do Partido Socialista na eleição presidencial de 2012. Ele obtém menos de 50% dos votos válidos apenas em quatro departamentos setentrionais: Norte (Martine Aubry, prefeita de Lille, tem aí o seu reduto), Pas-de-Calais, Somme e Seine-Maritime (Fig. 9). Nos demais departamentos, incluindo os de além-mar, seu lugar de líder é incontestável.

Para ganhar uma eleição de nível nacional (como é efetivamente o caso dessas primárias), cada candidato deve apresentar uma implantação local que ultrapasse amplamente as regiões vizinhas de seu principal reduto eleitoral, o que foi o caso de François Hollande e Martine Aubry.

O primeiro turno da eleição presidencial

No último trimestre de 2011, François Fillon, primeiro ministro do governo Sarkozy, tomou a iniciativa de criar um portal na internet para tornar disponível ao público dados em poder das diferentes esferas da administração do país. Neste portal (data.gouv.fr), encontrava-se no final do ano de 2011 o mapa das comunas francesas, em formato vetorial, vendido até então pelo Instituto Geográfico Nacional. A isso se acrescentavam os resultados das eleições recentes, num nível geográfico bem detalhado. Assim, a França realizava, finalmente, o que já existe há uns 10 anos no Brasil (ibge.gov.br).

Apesar da grande fragmentação da malha administrativa francesa (36 500 comunas), tornava-se possível agora realizar mapas detalhados dos resultados da eleição presidencial de 2012. Esta esperança se tornou realidade uma vez que as estatísticas do 1º turno, validadas pelo Conselho Constitucional, estavam disponíveis cinco dias depois para o nível das comunas.

François Hollande

O candidato do Partido Socialista chegou em primeiro lugar com 28,6% dos votos válidos. Apesar de ser um bom resultado para Hollande, o segundo lugar de Sarkozy permitia a ele ter a esperança de vencer no segundo turno, duas semanas mais tarde. No mapa com a distribuição dos votos para Hollande (Fig. 10), destaca-se o seu reduto na região de Limousin, já visível por ocasião das primárias de 2011. Observam-se igualmente várias regiões de boa implantação socialista: o sudoeste historicamente situado à esquerda, desde Bordeaux até os Pirineus, mas sem o vale do Garonne; a Bretagne que vem progressivamente se dirigindo em direção à esquerda, menos o Departamento de Morbihan e ainda a antiga bacia mineira do norte. O voto Hollande é também um voto urbano: entre as 23 cidades francesas com mais de 60 000 eleitores, somente quatro cidades meridionais deram à Hollande menos de 30% dos votos válidos: Marseille, Perpignan, Toulon e Nice (Tab. 3).

Tabela 3

A votação de Hollande nas cidades com mais de 60 000 eleitores

<i>Cidade</i>	<i>Eleitores</i>	<i>Hollande %</i>
Rennes	116983	39,80
Limoges	78145	38,17
Clermont-Ferrand	70290	37,79
Nantes	180728	36,16
Caen	60499	35,16
Montpellier	141433	34,98
Lille	122616	34,98
Paris	1253322	34,83
Toulouse	249387	34,44
Amiens	74984	33,74
Bordeaux	136174	33,05
Besançon	68372	32,84
Orléans	60912	32,62
Dijon	81619	32,47
Strasbourg	142277	32,14
Tourcoing	61009	31,32
Dunkerque	64865	30,78
Lyon	292869	30,25
Reims	99802	30,10
Marseille	484206	28,05
Perpignan	66980	28,03
Toulon	106559	22,98
Nice	214404	22,36

Fonte: data.gouv.fr

Como se trata de uma eleição nacional, o voto urbano, com seus grandes efetivos de eleitores, pesa muito no resultado final. Pode-se então ver nessa tendência uma das chaves da vitória de Hollande.

Nicolas Sarkozy

O resultado do primeiro turno de 2012 revela uma situação pouco usual na França, que é a do presidente que se candidata à reeleição chegar em segundo lugar, como aconteceu com Sarkozy. Geralmente, o presidente que se candidata à reeleição chega à frente na disputa do primeiro turno, mesmo que depois seja derrotado no segundo. Este foi o caso, por exemplo, de Valéry Giscard d'Estaing, então presidente que concorria à reeleição, que venceu François Mitterrand no primeiro turno, mas foi derrotado por ele no segundo.

O mapa de Nicolas Sarkozy (Fig. 11) lembra, grosso modo, os da direita moderada nas eleições anteriores, mas apresenta um padrão que tem se limitado aos seus principais bastiões eleitorais. Entre eles encontram-se a Alsácia, Franche-Comté e os departamentos de Savoie e Vendée. Observam-se votações mais altas em áreas rurais da Champagne, do triângulo norte Aveyron, na região de Lyon, no Pays de la Loire, na Normandia, etc.

O fato de Sarkozy ter se situado em segundo lugar pode ser visto como um sinal de descontentamento de uma parcela do eleitorado frente ao *omni presidente* (assim chamado por estar constantemente envolvido na condução dos assuntos de Estado e dando a impressão de combinar as funções de presidente com as de primeiro-ministro). Será que isso significa que as regiões ricas sistematicamente votaram nele? Os dados são insuficientes para esclarecer essa questão.

Podemos recorrer à noção de carga tributária, que se baseia na relação de imposto de renda pago pelos contribuintes e a renda tributável. Este indicador permite avaliar a riqueza em termos de renda, mas não do patrimônio, pois, na França, o imposto de renda é progressivo: as rendas mais elevadas têm maior carga de impostos do que as mais baixas, pelo menos em teoria, pois as reduções especiais (chamadas brechas fiscais) podem evitar o pagamento de imposto sobre certos rendimentos. O mapa da carga tributária (Fig. 12) confirma parcialmente a hipótese de que os ricos votam à direita. Isto parece verdade para a região a oeste de Paris, Alsace, Champagne, Savoy, Lyonnais e a Riviera Francesa. Por outro lado, o mapa mostra a forte influência da riqueza na organização urbana do país. Notamos que há muitas cidades que não apoiaram o candidato da direita. Isto é particularmente claro em Caen, Rennes, Nantes, Bordeaux e Toulouse. Aqui encontramos o peso das cidades desfavoráveis a Sarkozy no resultado final.

Marine Le Pen

O terceiro lugar de Marine Le Pen foi uma surpresa, apesar de já ter sido sinalizado pelas pesquisas. Com quase 18% dos votos, a candidata da Frente Nacional recebe, no primeiro turno, uma votação melhor do que o seu pai, Jean-Marie Le Pen, em 2007 (10,4%) e em 2002 (16,8%). Mas se os 16,8% dos votos foram suficientes para Jean-Marie se qualificar para o segundo turno em 2002, os 18% de Marine revelaram-se insuficientes.

Marine obtém seus melhores resultados em boa parte do nordeste da França, com exceção da maioria das grandes cidades (Fig. 13). Outras regiões também apoiaram a candidata da extrema-direita: o vale Saône-Ródano com um anel em torno de Lyon, o baixo vale do Rhone, incluindo os departamentos de Gard, Vaucluse e Bouches du Rhone, a costa mediterrânea de modo quase contínuo, desde a fronteira espanhola até a fronteira italiana, com uma presença sólida no departamento de Var, além de muitos municípios rurais do vale do Garonne. Algumas regiões, no entanto, não se mostraram sensíveis aos argumentos anti-europeus e xenófobos da Frente Nacional: o Maciço Central, o oeste da região de Ile de France, a Bretanha e o Pays de la Loire, Aquitânia e os Pirineus (exceto o vale do Garonne).

Comentaristas políticos acreditam que o voto para Marine Le Pen seja um voto de protesto contra o mau funcionamento do sistema político francês. A candidata da Frente Nacional é, muitas vezes, considerada uma candidata contrária ao sistema. Entre as preocupações desses franceses que supostamente dariam um voto de protesto situam-se, em primeiro lugar, o desemprego que se acentua a cada mês, à medida que aumenta a crise econômica europeia. Mapear o desemprego não é fácil, porque há poucos dados disponíveis no nível municipal. No entanto, o censo populacional de 2008, o último concluído, contabiliza os desempregados.

As taxas de desemprego, sem dúvida, aumentaram desde 2008, mas a distribuição geográfica de hoje provavelmente não é muito diferente da de 2008 (Fig. 14). Neste mapa, reconhecemos várias áreas de apoio a Marine: regiões industriais em crise do norte e leste da França, toda a área mediterrânea, as regiões rurais da Normandia e do Centro. Em contrapartida, outras regiões onde o desemprego é alto, como na Aquitânia, na Bretanha ou em muitas cidades da bacia de Paris, não votam *ipso facto* na extrema direita. Nestas regiões, o medo de um futuro difícil encontra sua expressão política na votação na esquerda. Há, portanto, uma clivagem importante que, felizmente, não se reduz a uma equação simplista: desempregados = voto na extrema direita.

Jean-Luc Mélenchon

Se as duas partes da extrema esquerda, geralmente consideradas trotskistas, são derrotadas na eleição presidencial de 2012 (1,15% dos votos para Philippe Poutou, do Novo Partido Anti-Capitalista; 0,56% para Nathalie Arthaud, da Luta Operária), é provavelmente porque Jean-Luc Mélenchon era um candidato mais confiável para a esquerda do Partido Socialista. Assim, ele atraiu eleitores da extrema esquerda, como os comunistas que ficaram sem um verdadeiro líder. Com 11,1% dos votos, o ex-socialista Jean-Luc Mélenchon tornou-se, durante uma eleição, a figura de proa de um movimento de esquerda populista que conseguiu reunir eleitores sensíveis, tanto trotskistas quanto comunistas.

Mélenchon recebe muitos votos na metade sul da França (Fig. 15), como a parte interior montanhosa do litoral mediterrâneo que lhe é particularmente favorável. Limousin, Landes e uma parte da Bretanha lhe trazem também muitos votos, bem como as antigas áreas mineiras do norte do país. Na maioria dos casos, essas regiões foram também fortemente afetadas pelo desemprego. À luz dos mapas, compreende-se que o voto para Mélenchon é complementar ao voto Le Pen: é também um voto de protesto em resposta a situações sociais difíceis que surgiram nessas áreas devido ao desemprego acentuado. Em outras palavras, os eleitores punem os candidatos dos partidos políticos de direita *clássica*, como Nicolas Sarkozy, e os de esquerda *clássica*, como François Hollande, escolhendo o candidato da extrema-direita, Marine Le Pen, ou da extrema esquerda, Jean-Luc Mélenchon. Estamos lidando com um jogo de quatro posições que vai encontrar sua solução no segundo turno da eleição, mas tomando caminhos muito diferentes, à direita e à esquerda.

François Bayrou

As pretensões do candidato *nem de direita, nem de esquerda* caíram nas semanas finais da campanha eleitoral. Na apuração, ele não obtém sequer 10% dos votos (9,1%), o que é um desempenho inferior ao que auferiu na eleição presidencial de 2007 (18,5%).

Candidato próximo da antiga democracia cristã, François Bayrou, é o campeão de votos no Pirineu Atlântico, onde é deputado pela Assembleia Nacional desde 1986 (Fig. 16). No entanto, ele perdeu a liderança ao ser derrotado pelo candidato do PS, Nathalie Chabanne, no segundo turno das eleições legislativas de 2012. Esta forte presença local permitiu-lhe difundir as suas ideias políticas muito além de seu departamento, em áreas fortemente influenciadas pelo catolicismo: Aveyron, Vendée, Bretanha, Basse-Normandie e Savoie. Declarando-se admirador do rei Henrique IV (1553-1610), que pôs fim às guerras de religião entre católicos e protestantes, obtém também bons resultados na Alsácia, região de forte presença do protestantismo.

Os pequenos *candidatos*

Cinco candidatos dividem de forma desigual 6% dos votos: Eva Joly para os ecologistas (Fig. 17); Nicolas Dupont-Aignan, soberanista, crítico em relação à União Europeia e ao Euro como moeda única; os trotskistas Philippe Poutou e Nathalie Arthaud, e, finalmente, Jacques Cheminade, o candidato independente dos grandes partidos políticos que se apresenta, pela segunda vez, numa eleição presidencial.

Apesar do desempenho muito fraco de Eva Joly e ao contrário dos mapas dos outros quatro candidatos, o mapa dos seus resultados é interessante porque mostra a distribuição geográfica dos ambientalistas na França. Observamos, de fato, uma forte presença deles nas regiões montanhosas: Pirineus, Cevennes, Alpes e Vosges. Há também uma certa concentração na Bretanha, em Finistère e nas regiões de Rennes e Nantes. Nesta última, um sério conflito opõe os moradores de comunidades rurais ao prefeito de Nantes, Jean-Marc Ayrault, em decorrência do projeto de construção de um novo aeroporto. Finalmente, o oeste da Região Ile de France e Paris lhe dão os melhores resultados, que, no entanto, ficam muito abaixo do que o movimento ambiental esperava.

O segundo turno da eleição presidencial

Na noite do 1º turno François Hollande, que chegou em primeiro lugar, seguido por Nicolas Sarkozy, tinha então se qualificado para a segunda fase que seria realizada duas semanas depois, em 6 de maio de 2012. Em seguida, começou a dança dos perdedores, em apoio a um ou outro candidato. Eva Joly, para os verdes, e Jean-Luc Mélenchon, pela Frente de Esquerda, conclamavam, na mesma noite, os seus eleitores a votar no 2º turno em François Hollande.

Em função do seu sucesso no 1º turno, a posição de Marine Le Pen era ansiosamente aguardada. Ela declarou uma semana depois, no seu encontro em 01 de maio, na Place de l'Opéra, em Paris: “Eu não darei apoio, nem mandato, nem confiança a esses dois candidatos, pois um tenta ganhar a direita, o outro procura conquistar a esquerda, mas ambos estão se esforçando para, há 30 anos, fazer perder a França”. Em outras palavras, vocês que votaram em mim, Marine Le Pen, no primeiro turno, votem como vocês quiserem, mas façam perder os dois candidatos de partidos tradicionais, ou pela abstenção ou pelo voto em branco. Dada a diferença relativamente pequena de votos entre os candidatos que vão disputar o 2º turno, esta posição, naturalmente, incomodou mais o candidato da direita do que o da esquerda. Além do mais, nos dias que se seguiram Nicolas Sarkozy e seus apoiadores faziam uma corte vergonhosa aos eleitores que votaram em Le Pen. Em particular, as teses xenófobas da Frente Nacional foram transmitidas repetidamente por muitos políticos de direita dizendo-se “republicanos”.

Votos em branco e nulos

Embora o comparecimento dos eleitores às urnas no 2º turno tenha sido superior em 0,87 ponto percentual, em relação ao primeiro, o número de votos em branco e nulos triplicou, passando de 1,9% para 5,8% dos votos. Afirmar que este aumento se deve apenas ao apelo de Marine Le Pen seria exagerado, mas o crescimento é tão significativo que se deve admitir que grande parte dos votos em branco e nulos vem do eleitorado da Frente Nacional. O mapa da proporção de votos nulos e em branco em relação aos eleitores que votaram (Fig. 18), confirma, em parte, esta hipótese. Não é o mesmo mapa de Marine Le Pen no primeiro turno, mas compartilha algumas características com ele na porção nordeste do país, onde o não-voto corresponde à forte expressão da candidata da FN. No entanto, na Riviera Francesa, o aumento do branco e nulo é muito menor. Podemos entender essas diferenças da seguinte forma: no norte, o voto de protesto expresso no primeiro turno pelo voto na FN se traduz no voto em branco ou nulo. Na Riviera, tem-se sobretudo um voto de classe dos eleitores ricos para o presidente que tanto lhes favoreceu, Nicolas Sarkozy.

Nas áreas onde Hollande obteve suas melhores votações no primeiro turno, o aumento de brancos e nulos é, de modo geral, reduzido. Essas observações confirmam a ideia de que a Frente Nacional, não conseguindo se entender com a direita tradicional para derrotar a esquerda, torna-se uma aliada, de fato, da esquerda para derrotar a direita. Muitos analistas acreditam que, a médio prazo, a posição da UMP comparada à da FN é suicida. Além disso, muitos candidatos a deputados da UMP não hesitam em seduzir os eleitores da FN, adotando alguns dos seus temas em seus discursos, como a rejeição aos estrangeiros, à União Europeia, ao Euro, etc. Esta tendência surgiu durante a campanha do 2º turno das eleições legislativas: a direção política da UMP escolheu a estratégia do “nem, nem”, isto é, não votar nem no candidato do PS, nem no da FN no 2º turno, nos colégios eleitorais em que a UMP não tem candidato.

França de direita, França de esquerda

No 2º turno, François Hollande ganha a eleição presidencial com uma diferença de 1.139.983 votos a seu favor, o que representa apenas 3,38% dos eleitores. Mesmo que o resultado seja indiscutível, a diferença relativa se mostra modesta. Mas estes resultados nacionais escondem diferenças muito maiores quando se observa a geografia do voto no 2º turno (Fig. 19). O mapa mostra uma forte estruturação regional, mas também uma grande variedade de situações. François Hollande ganha, claramente, com mais de 60% dos votos na maior parte da Região de Limousin, na Haute Vienne, tradicionalmente à esquerda, e em Corrèze, departamento onde ele preside o Conselho Geral (Assembleia Departamental). Este núcleo se estende

para além do leste em direção a uma grande parte da região de Auvergne, a oeste no sentido Poitou-Charentes, até o departamento de Deux-Sèvres onde sua ex-mulher, Ségolène Royal, foi deputada. Em direção ao Sul, a maior parte da Dordogne lhe apoiou, bem como a maior parte do sudoeste até os Pireneus, nos altos distritos da região Languedoc-Roussillon e até o sul de Ardèche. Finalmente, uma grande parte da Bretanha dá seus votos a Hollande.

Todas essas áreas predominantemente rurais não bastariam, no entanto, para dar a vitória ao candidato socialista. Na verdade, sem o apoio de muitas cidades, a vitória não teria sido possível porque o número de votos teria sido insuficiente. François Hollande tem o apoio das cidades, mesmo em departamentos onde Sarkozy é o vencedor. Este é particularmente o caso da Alsácia, onde Estrasburgo e Mulhouse votam à esquerda, enquanto os departamentos de Bas-Rhin e Haut-Rhin votaram esmagadoramente à direita. Esta tendência explica as manchas vermelho-laranjas, voto para Hollande, que correspondem às principais áreas urbanas que se destacam claramente num fundo azul, voto para Sarkozy.

A região de Paris é dividida, pois a parte que vota no candidato socialista representa 55%, um pouco menos do que os subúrbios em geral. Mas a parte ocidental do subúrbio, onde se concentra a burguesia, continua a favor do candidato da direita. A lógica de classe é totalmente respeitada.

O chamado de Marine Le Pen para não apoiar nenhum dos dois candidatos beneficia às vezes a esquerda, outras vezes a direita. Para a esquerda, há a antiga área de mineração de Pas-de-Calais, que apoia amplamente François Hollande. É verdade que nesta região ele se beneficia de uma transferência de votos dos eleitores de Jean-Luc Mélenchon. Já na Riviera Francesa, os eleitores de Le Pen se transferem, em grande parte, para Nicolas Sarkozy.

Conclusão

Apesar de Nicolas Sarkozy ter sido altamente contestado no país, a eleição de François Hollande não pode ser considerada uma grande vitória em termos numéricos. Porém, o que conta é o resultado final: a França tem um novo presidente. Infelizmente, a legitimidade do presidente eleito é enfraquecida pela grande abstenção que caracterizou as eleições legislativas de 2012: 42,7% no 1º turno e 43,7% no 2º turno.

O novo governo, responsável pela execução da política do presidente da República, provavelmente terá de enfrentar as críticas que vão resultar das suas primeiras decisões. Sabemos que o eleitor francês é inquieto, pronto para se manifestar e fazer greves. Não é um desafio pequeno para François Hollande o de tentar conter o descontentamento com a situação do país, fruto da crise econômica europeia. Vemos o governo tentando apagar incêndios sociais que aparecem aqui e ali há vários meses.

Se as decisões políticas gerais são cruciais para lidar com as crises que se multiplicam, a sua inserção nos contextos socioeconômicos locais e regionais se faz necessária. O primeiro ministro, o socialista Jean-Marc Ayrault, compreendeu bem esta situação criando dois novos ministérios: o Ministério da Igualdade dos Territórios e da Habitação e o Ministério da Recuperação da Produção.

Tudo parece acontecer como se este novo governo de crise redescobrisse a importância da organização do território e a necessidade de uma ação combinada de diferentes níveis territoriais, desde o Estado até às Regiões e às comunidades de municípios, para impulsionar a máquina econômica da França. Porque a questão é uma só: para ter sucesso o governo de François Hollande deve retomar o crescimento da economia para alcançar algum espaço de manobra e poder implementar uma política social. Da sede do governo da França, no Palácio do Eliseu em Paris, até às regiões em crise, as relações políticas devem ser fortalecidas; os mapas aqui analisados mostram claramente onde o esforço deve ser concentrado.

Philippe Waniez

Professor da Universidade de Bordeaux
UMR 5185 ADES

Nota

1. Tradução de Dora Rodrigues Hees.

Referências bibliográficas

- BON, Frédéric e CHEYLAN, Jean-Paul. *La France qui vote*. Paris: Hachette, 1990.
- BRAS, Hervé le e TODD, Emmanuel. *L'invention de la France. Atlas anthropologique et politique*. Paris: Gallimard, 2012.
- GAUDEMAR, Jean-Pierre de et alii. La France qui vote. In: *Revue française de science politique*, 40e année, n° 1, 1990, p.137-140.
- JACOB, Cesar Romero et alii. *A geografia do voto nas eleições presidenciais do Brasil: 1989-2006*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *A geografia do voto nas eleições para prefeito e presidente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo: 1996-2010*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012. In: http://www.editora.vrc.puc-rio.br/geografia_voto.html
- LANCELOT, Alain. *Les élections nationales sous la Cinquième République*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, 3e éd. mise à jour.
- PERRINEAU, Pascal (Dir.). *Atlas électoral 2007: qui vote quoi, où, comment?* Paris: Presses de Sciences Po, 2007.
- SALMON, Frédéric. *Atlas électoral de la France: 1848-2001*. Paris: Ed. du Seuil, 2001.
- SIEGFRIED, André. *Tableau politique de la France de l'ouest sous la troisième république*. Paris: A. Colin, 1913; Réimpression: Paris: Imprimerie Nationale Éditions, 1995; Reimpression: Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2010.

WANIEZ, Philippe. Fiscalité et territoire en France: L'impôt sur le Revenu des Personnes Physiques (IRPP), *Cybergeo: European Journal of Geography*, mis en ligne le 13 mai 2009, <http://cybergeo.revues.org/22260>

_____. *Cartographie Thématique et analyse des données*. Bordeaux, UMR 5185 ADES, Doc de Granit n°1. 251 p.
<http://philcarto.free.fr/DOCSDEGRANIT/ADES.html>

Recebido em agosto de 2012

Accito em setembro de 2012

Resumo

Na primavera de 2012, a França vivia um *momento de grande excitação nacional*, com a realização de duas eleições, cada uma delas em dois turnos: primeiro, eleições presidenciais (22 de abril e 6 de maio) e, depois, eleições parlamentares (10 e 17 de junho). Neste trabalho, analisa-se, inicialmente, as eleições primárias do Partido Socialista em 2011, que resultaram na escolha de François Hollande. Os mapas destas primárias, com base na malha dos 95 departamentos franceses, mostram os redutos regionais de cada um dos candidatos do PS e a necessidade de cada um deles conquistar eleitores fora da sua área de influência para obter a indicação do Partido. Já os mapas do primeiro turno da eleição presidencial de 2012, realizados a partir da malha geográfica das 36.500 comunas da França metropolitana permitem uma leitura mais detalhada dos elementos geográficos condicionadores do voto: história regional, urbanização, situação econômica, tendência religiosa, etc. Todos os candidatos de importância nacional revelaram uma geografia diferenciada em relação a tais fatores. Por fim, a análise dos mapas do segundo turno permite observar a importância da transferência de votos de eleitores que escolheram, no primeiro turno, um candidato que foi derrotado. Tais mapas também mostram que, mesmo que a diferença entre a Hollande e Sarkozy pareça pequena (3,38%), a distribuição geográfica dos seus eleitores não é fruto do acaso: é o resultado tanto da implantação inicial dos dois escolhidos para o segundo turno e de sua capacidade de conquistar votos nos redutos eleitorais dos candidatos derrotados no primeiro turno. Assim, uma pequena diferença a nível nacional pode esconder situações muito diferentes e de grande amplitude na escala regional e local.

Palavras-chave

Geografia eleitoral; Eleição presidencial; França; Mapeamento.

Résumé

Au printemps 2012, la France a connu «un grand moment d'excitation nationale» avec quatre scrutins majeurs, d'abord pour l'élection présidentielle (22 avril et 6 mai, puis pour élections législatives (10 et 17 juin). On analyse tout d'abord les cartes des élections primaires du Parti Socialiste de 2011; ce nouveau mode de désignation du candidat du parti a conduit au choix de François Hollande. Ces cartes montrent la réalité des fiefs régionaux de chacun des candidats aux primaires, et la nécessité pour un candidat de conquérir les électeurs en dehors de son bastion pour obtenir l'investiture du parti. Les cartes du premier tour de l'élection présidentielle de 2012 réalisées sur un maillage géographique très détaillé (les 36 500 communes de France métropolitaine) permettent une lecture fine, sur le plan géographique, des déterminants du vote: histoire régionale, urbanisation, situation économique, posture religieuse... Tous les candidats d'importance nationale affichent une géographie différenciée en relation avec de tels déterminants. L'analyse des cartes du second tour permet d'observer l'importance du report des voix provenant des électeurs ayant choisi un candidat battu au premier tour. Elles montrent aussi que, même si l'écart entre Hollande et Sarkozy apparaît modeste (3,38%), la répartition géographique de leurs électeurs n'est pas du tout le fruit du hasard: elle résulte à la fois de l'implantation initiale des deux qualifiés pour le second tour, et de leur capacité à récupérer les suffrages dans les fiefs électoraux des candidats battus au premier tour. Ainsi, un écart faible au niveau national masque des mouvements très différents et de grande ampleur aux niveaux régional et local.

Mots-clés

Géographie électorale; Élection présidentielle; France; Cartographie.

Fig. 02 Regiões, capitais e departamentos



Fig. 03, 04, 05, 06, 07 e 08 - Primárias do PS (1º turno)

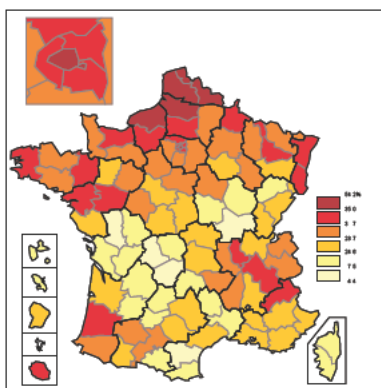


Fig.3. Martine Aubry
Primárias do PS 2011 1º turno % de votos válidos

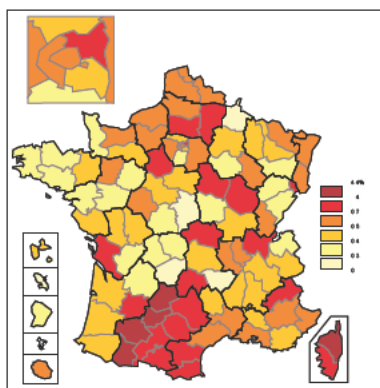


Fig.4. Jean-Michel Baylet
Primárias do PS 2011 1º turno % de votos válidos

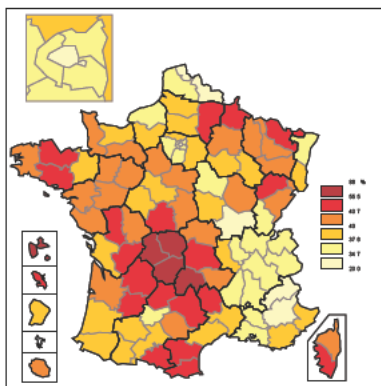


Fig.5. François Hollande
Primárias do PS 2011 1º turno % de votos válidos

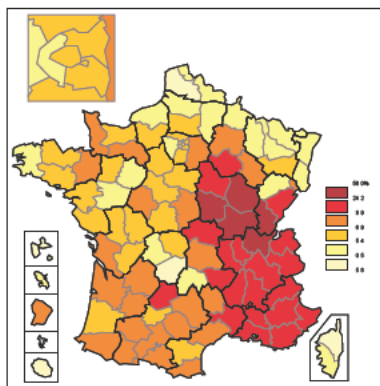


Fig.6. Arnaud Montebourg
Primárias do PS 2011 1º turno % de votos válidos

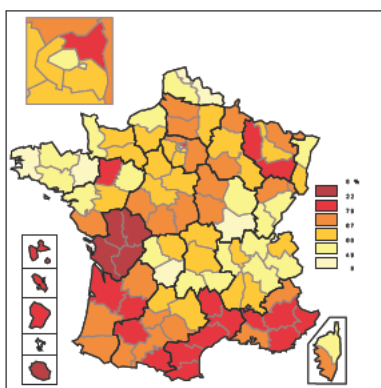


Fig.7. Ségolène Royal
Primárias do PS 2011 1º turno % de votos válidos

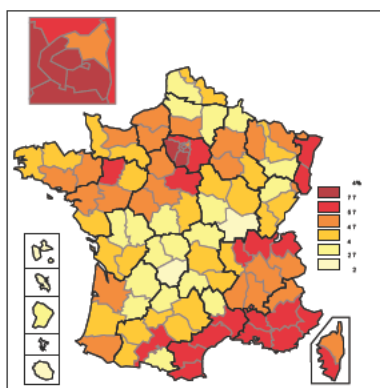


Fig.8. Manuel Valls
Primárias do PS 2011 1º turno % de votos válidos

Fig. 09 - Primárias do PS - Hollande (2º turno)

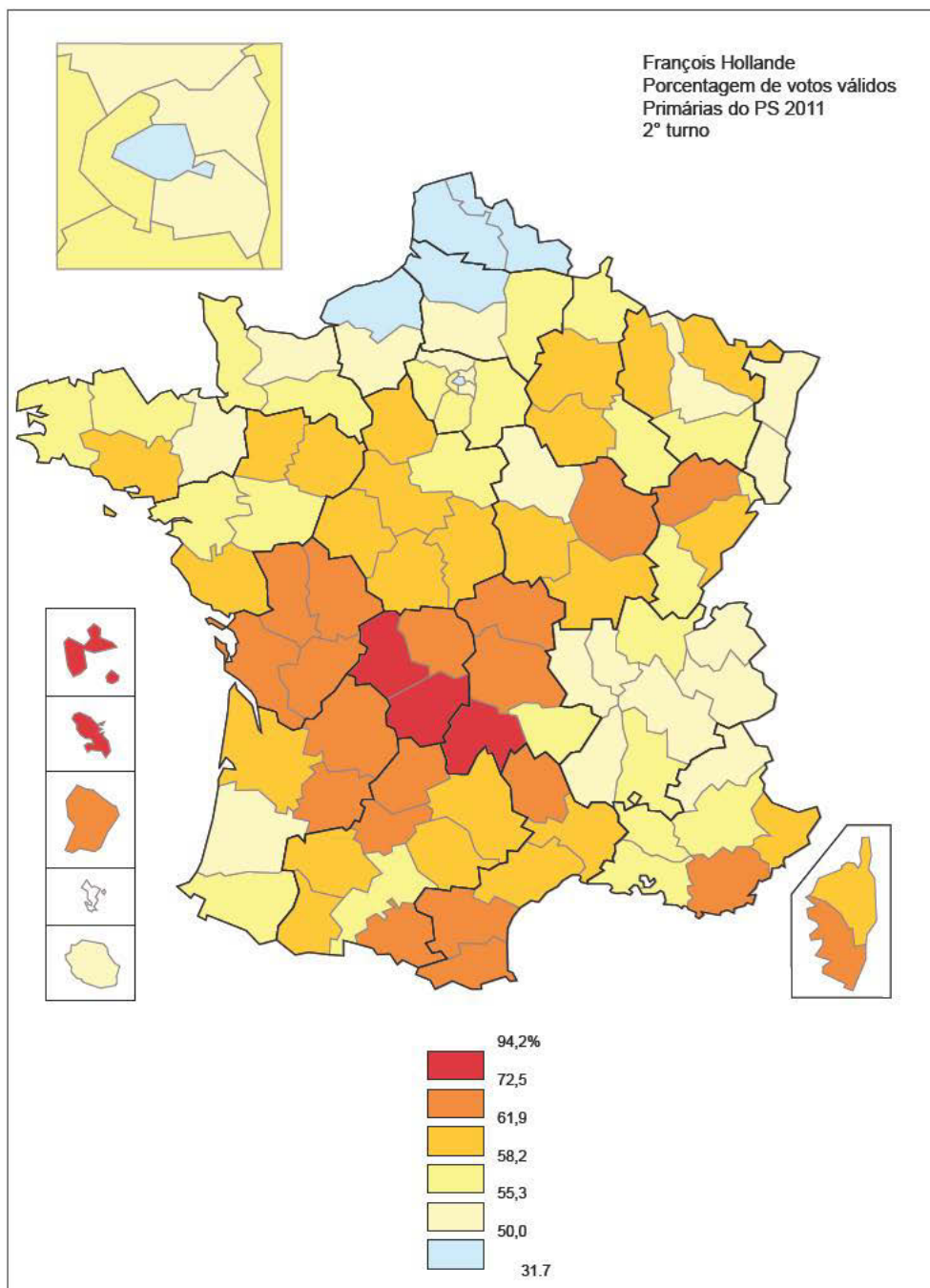


Fig. 10 - Hollande (1º turno)

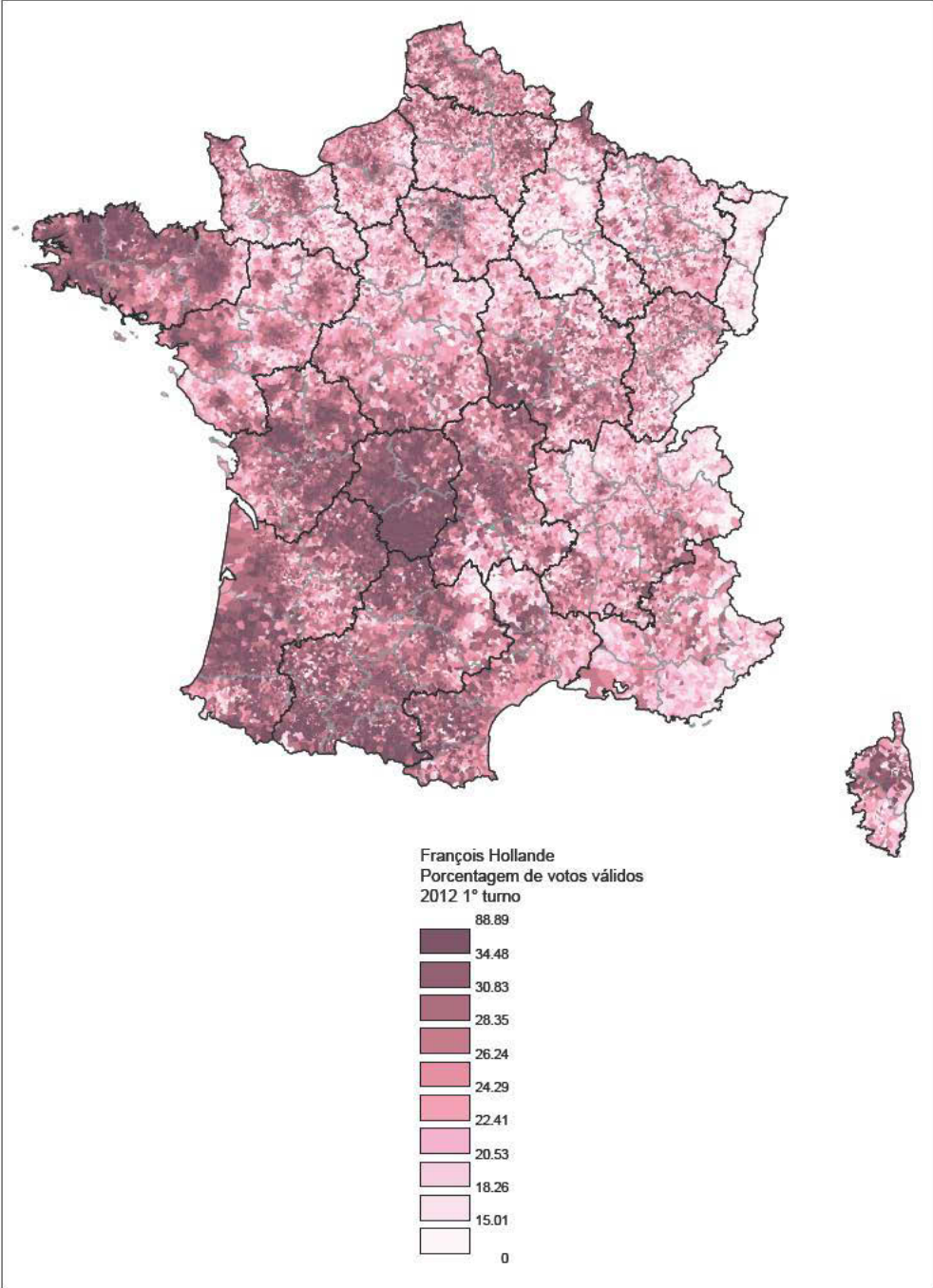


Fig. 11 - Sarkozy (1º turno)

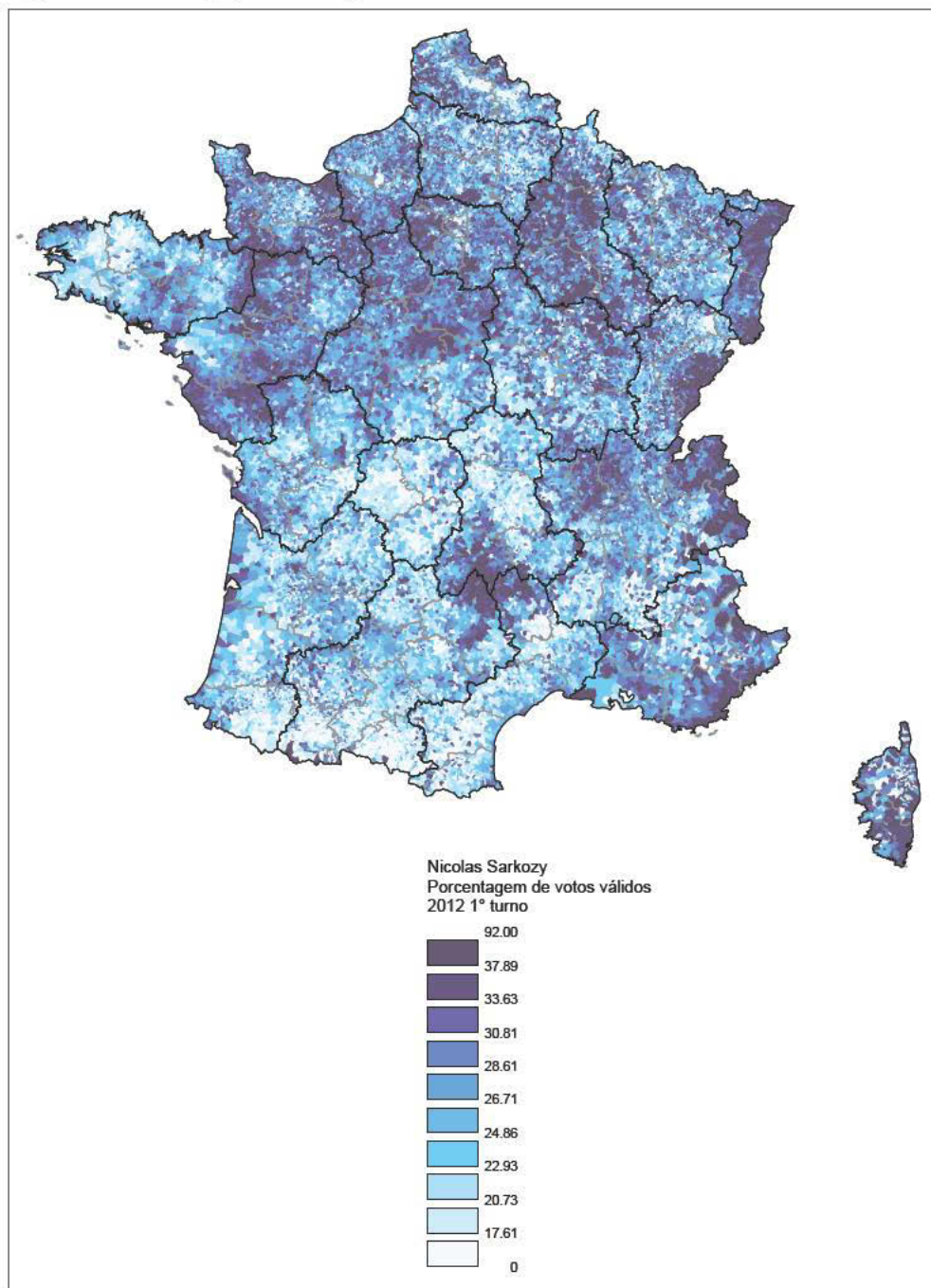
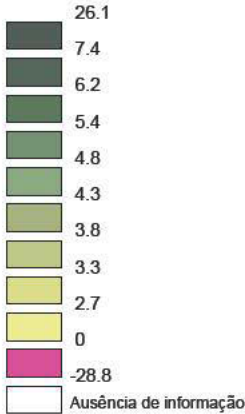
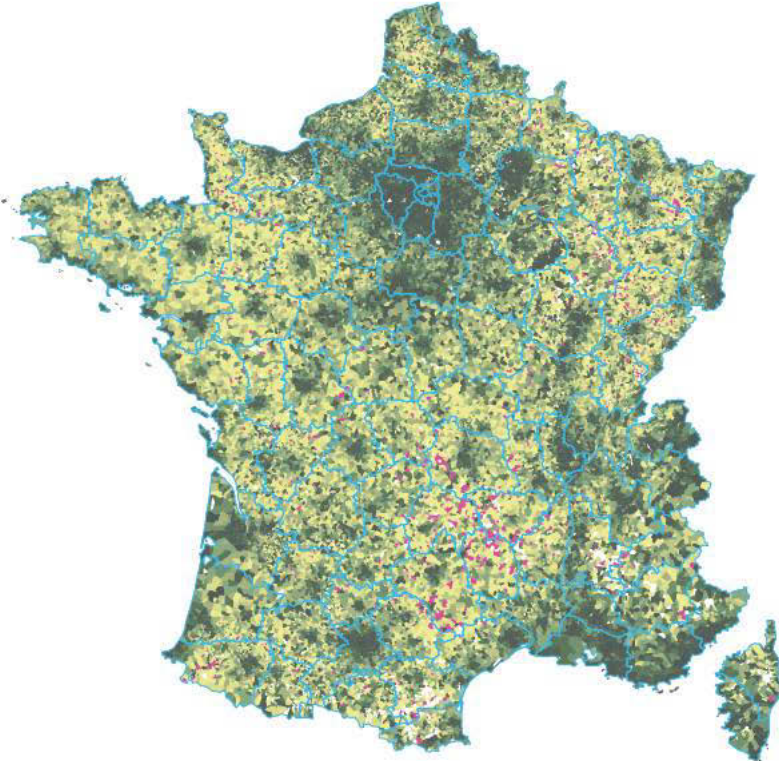


Fig. 12 - Carga tributária

Carga Tributária (IRPP 2007)
% imposto/renda



Fonte DGFP: www.impots.gouv.fr

Fig. 13 - Le Pen (1º turno)

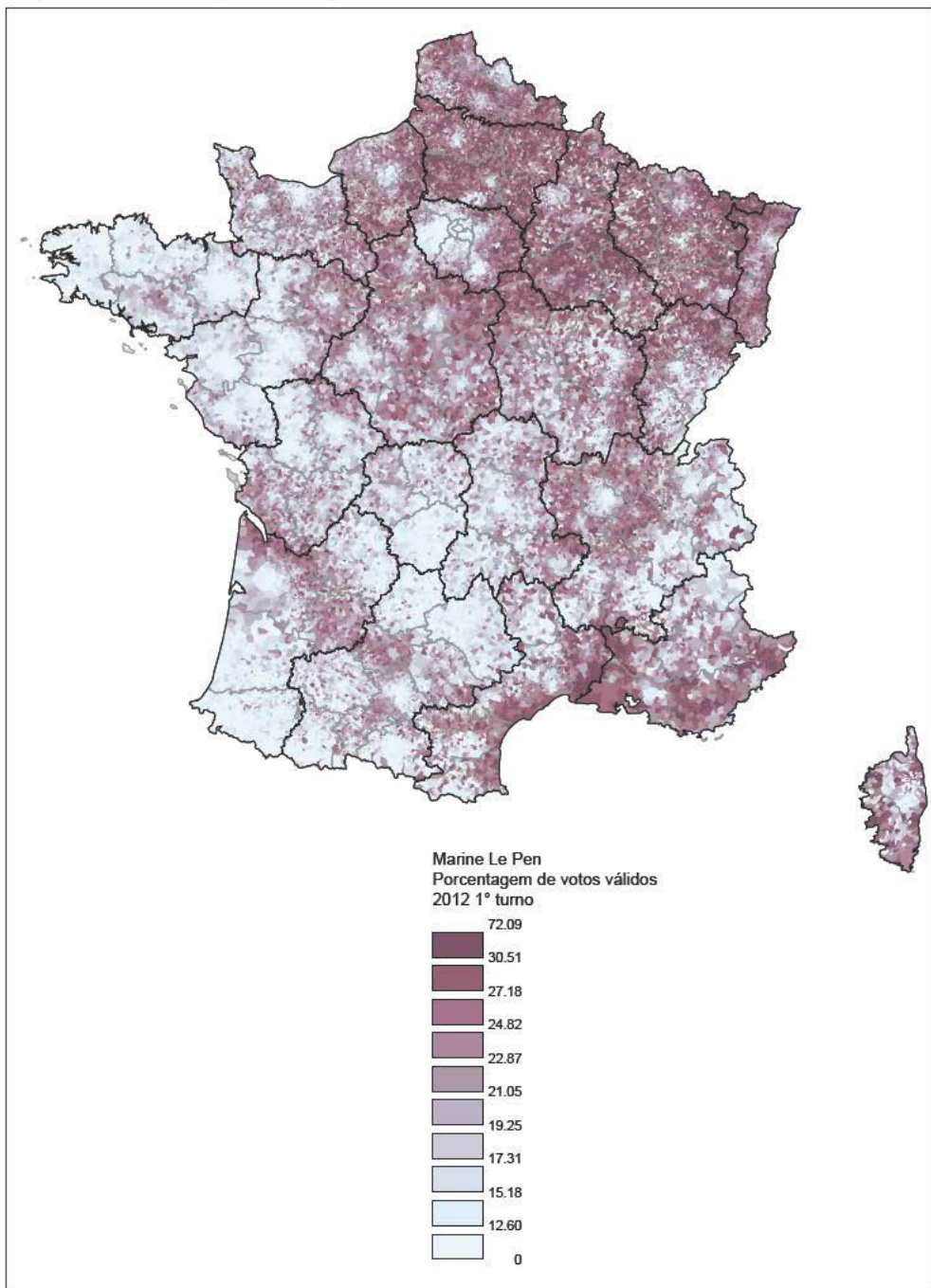


Fig. 14 - Desemprego

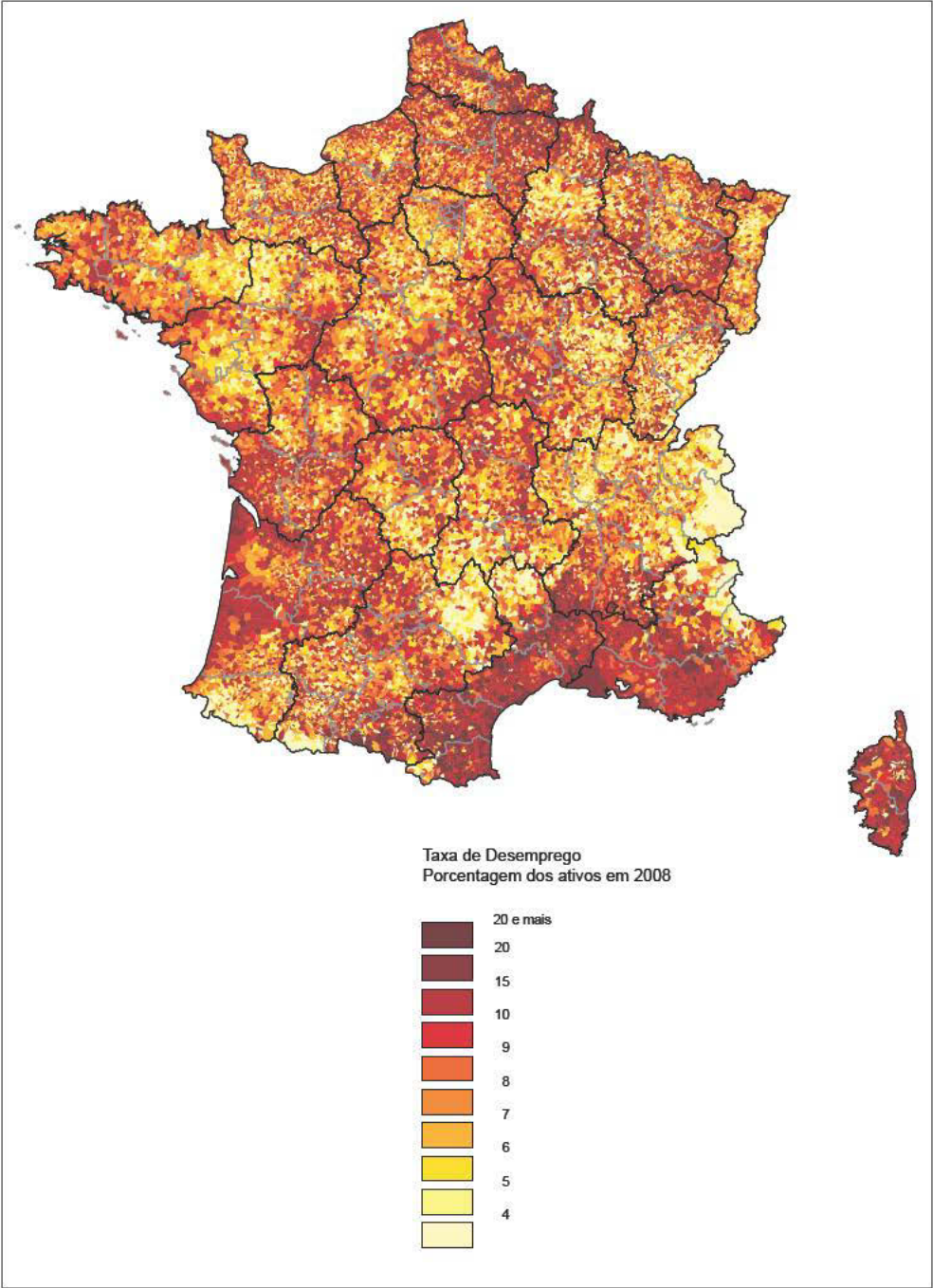


Fig. 15 - Melenchon (1º turno)

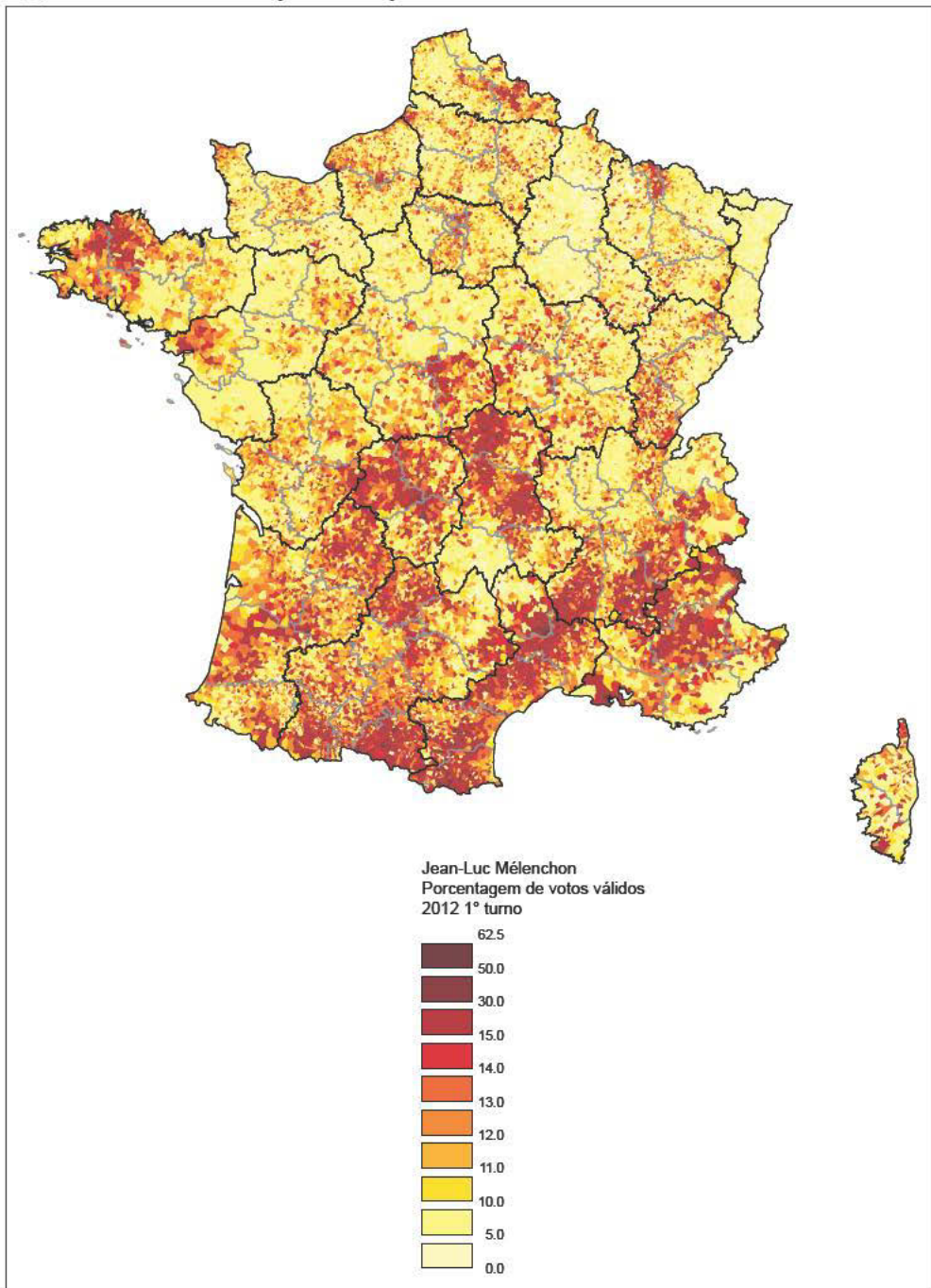


Fig. 16 - Bayrou (1º turno)

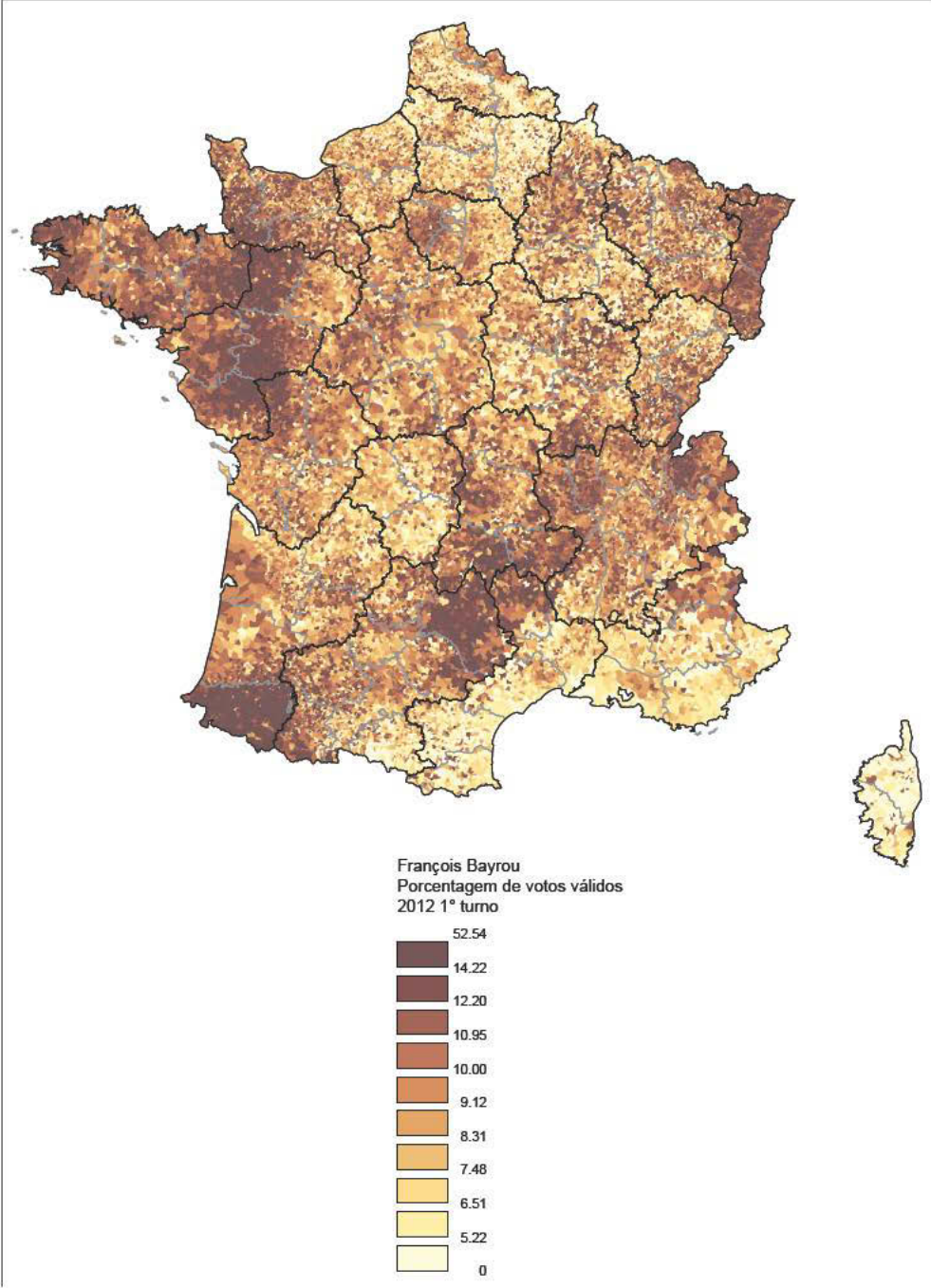


Fig. 17 - Joly (1º turno)

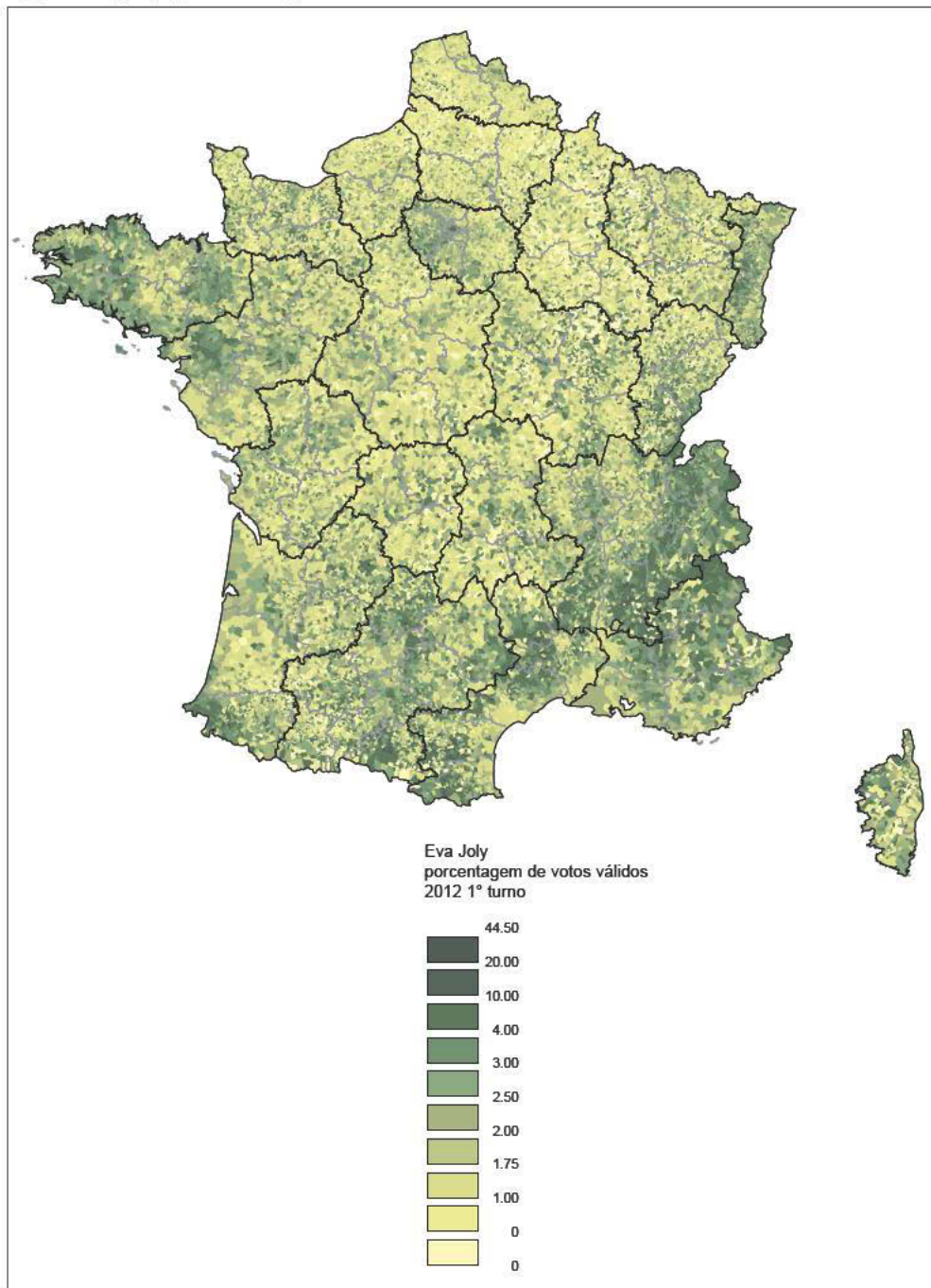


Fig. 18 - Brancos e nulos

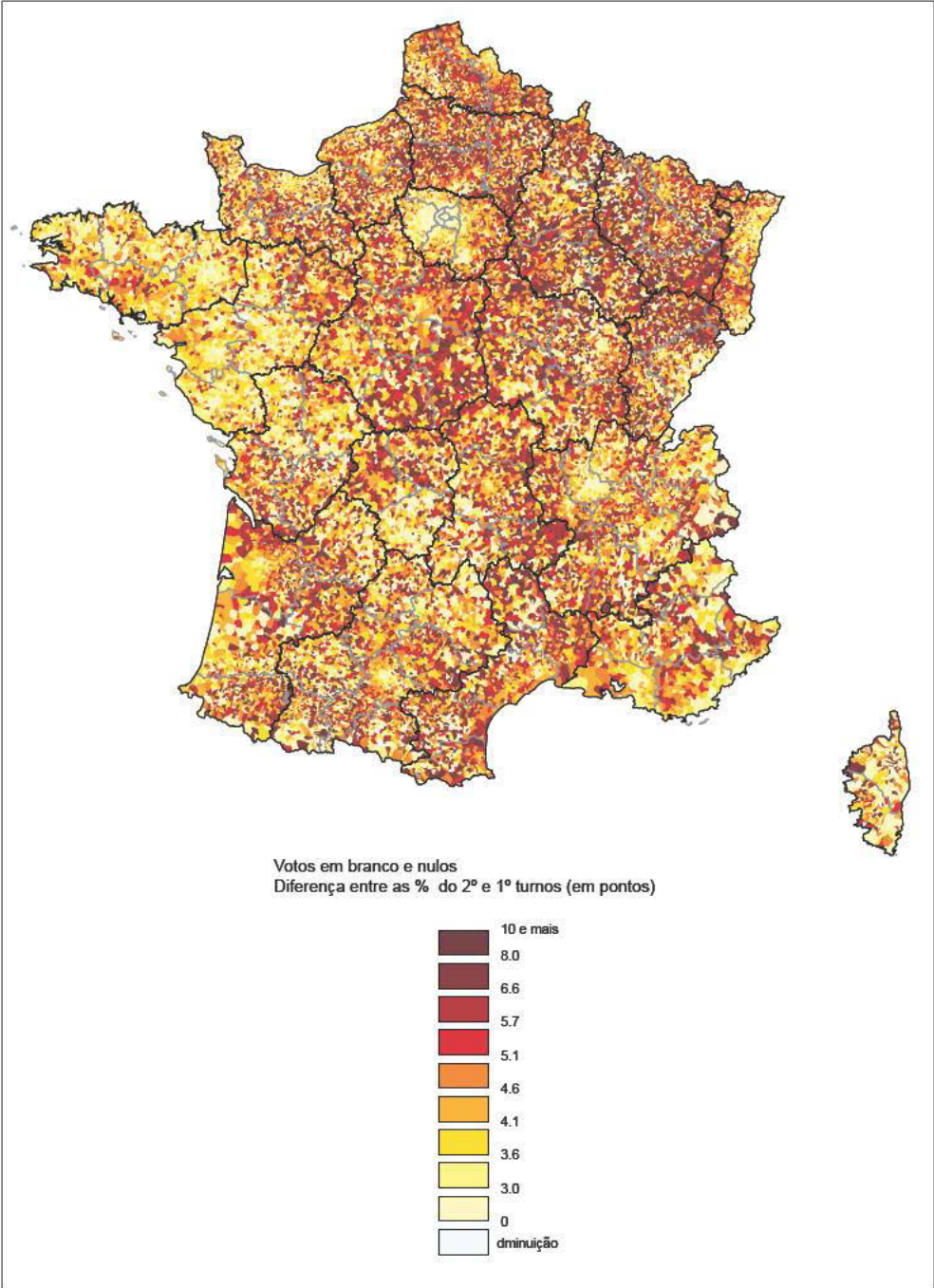


Fig. 19 - Vitorioso (2º turno)

